

O neoliberalismo e a psicologia objetiva: Expressões do neoliberalismo no pensamento científico contemporâneo brasileiro

DOI: <https://doi.org/10.32870/cl.v1i34.8134>

Resumo

Este ensaio empreende uma análise das metamorfoses da subjetividade humana sob os auspícios do neoliberalismo, concentrando-se especialmente na confluência entre a psicologia objetiva e a neuropsicologia moderna. Nesse percurso, examina-se como as reconfigurações econômicas e políticas engendradas a partir da segunda metade do século XX reordenaram as formas de compreender e gerir o sofrimento psíquico, promovendo a primazia de valores como eficiência, produtividade e adaptabilidade. Paralelamente, o texto se debruça sobre as repercussões e expressões discursivas que acompanham a ascensão de novas epistemologias hegemônicas no estudo do comportamento humano, com destaque para os desdobramentos no contexto brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: neoliberalismo; psicologia objetiva; epistemologia

Abstract

This essay undertakes an analysis of the metamorphoses of human subjectivity under the auspices of neoliberalism, focusing especially on the confluence between objective psychology and modern neuropsychology. In this journey, it examines how the economic and political reconfigurations arising from the second half of the 20th century reshaped the ways of understanding and managing psychic suffering, promoting the primacy of values such as efficiency, productivity, and adaptability. At the same time, the text delves into the repercussions and discursive expressions that accompany the rise of new hegemonic epistemologies in the study of human behavior, with a focus on the developments in the contemporary Brazilian context.

Keywords: neoliberalism; objective psychology; epistemology

Resumen

Este ensayo realiza un análisis de las metamorfosis de la subjetividad humana bajo los auspicios del neoliberalismo, concentrándose especialmente en la confluencia entre la psicología objetiva y la

neuropsicología moderna. En este recorrido, se examina cómo las reconfiguraciones económicas y políticas generadas a partir de la segunda mitad del siglo XX reordenaron las formas de comprender y gestionar el sufrimiento psíquico, promoviendo la primacía de valores como eficiencia, productividad y adaptabilidad. Paralelamente, el texto se centra en las repercusiones y expresiones discursivas que acompañan el ascenso de nuevas epistemologías hegemónicas en el estudio del comportamiento humano, con especial énfasis en los desarrollos en el contexto brasileño contemporáneo.

Palabras clave: neoliberalismo; psicología objetiva; epistemología

1. Introdução

O advento do neoliberalismo, a partir da segunda metade do século XX, marca não apenas uma reestruturação econômica e política em escala global, mas também uma transformação profunda nas formas de compreender e gerir a subjetividade humana (Safatle, Silva Junior e Dunker, 2021). Conforme enfatizado por Foucault (2008), o neoliberalismo, ao fomentar uma "arte liberal de governar", desencadeia a "formidável extensão dos procedimentos de controle, de pressão, de coerção", que, ao invés de representarem um risco às liberdades, acabam por se consolidar como sua contrapartida e contrapeso (p. 91), moldando, assim, de maneira profunda a subjetividade humana, impondo uma lógica que exalta a adaptabilidade e a produtividade em detrimento de outras facetas do ser.

Segundo Engelhardt, Rozenthal e Laks (1995), os alicerces da neuropsicologia moderna foram estabelecidos pelos trabalhos pioneiros de Donald Olding Hebb, Karl Spencer Lashley e Aleksandr Romanovitch Luria, cujas contribuições foram fundamentais para a consolidação da psicologia objetiva e para o desenvolvimento do campo da neuropsicologia como o conhecemos. Essa abordagem, alinhada aos valores do neoliberalismo – como eficiência, produtividade e adaptabilidade –, instrumentaliza a subjetividade humana ao reduzi-la a categorias mensuráveis e manejáveis.

Nesse contexto, a neuropsicologia moderna emerge como um campo que não apenas traduz o sofrimento psíquico em termos funcionais e biológicos, mas também se desenvolve em sintonia com os ideais científicos e tecnológicos do período. A partir dos experimentos pioneiros de Luria (1981), a psicologia objetiva ganha corpo, fundamentando-se em metodologias que visavam a compreensão do comportamento humano sob uma ótica funcionalista, descartando os aspectos subjetivos e relacionais que até então caracterizavam o campo.

Essa intersecção entre neoliberalismo e psicologia objetiva, tema que será explorado mais detalhadamente ao longo deste ensaio, revela-se particularmente evidente no campo da saúde mental. Nesse cenário, práticas terapêuticas baseadas na introspecção e no diálogo, como a psicanálise, começam a ser progressivamente substituídas por abordagens mais rápidas e direcionadas, como a

terapia cognitivo-comportamental e o tratamento farmacológico. A transformação da neuropsicologia em um campo de referência para a saúde mental ilustra como o neoliberalismo não apenas molda os sistemas de cuidado, mas também reconfigura as bases epistemológicas que sustentam esses sistemas.

Conforme defendem Safatle, Dunker e Silva Junior na obra "Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico" (2021), adotada neste ensaio como eixo analítico central, a articulação entre o neoliberalismo e a psicologia objetiva promove não apenas uma reconfiguração do campo da saúde mental, mas também uma redefinição das categorias por meio das quais o sofrimento psíquico é concebido e manejado. A ascensão da neuropsicologia e de abordagens funcionalistas, como apontado pelos experimentos de Luria, é um marco dessa transformação, que será explorada ao longo do texto, especialmente em seu impacto sobre a deslegitimação da psicanálise e na reconfiguração das formas de tratamento do sofrimento psíquico.

2. A emergência do neoliberalismo e o simultâneo declínio das abordagens psicanalíticas

Como sublinham Safatle, Silva Junior e Dunker (2021), o início da década de 1960 inaugura um período de intensas reconfigurações socioculturais e políticas, cujas transformações estruturais imprimiram mudanças profundas e duradouras nas concepções e abordagens acerca da subjetividade e do sofrimento psíquico nas décadas subsequentes. Com a ascensão do neoliberalismo, uma nova racionalidade econômica passou a se infiltrar nas esferas do cuidado e da saúde mental, promovendo a desvalorização de abordagens que priorizavam a complexidade subjetiva e relacional em detrimento de práticas mais objetivas, instrumentais e supostamente "eficazes". Nesse contexto, a psicanálise, que durante grande parte do século XX havia se consolidado como uma referência central no campo da clínica, começou a ser deslocada por abordagens que se alinhavam melhor às demandas emergentes de uma sociedade em crescente ritmo de mercantilização e eficiência técnica.

Safatle, em sua análise minuciosa sobre o destino da psicanálise nesse período, descreve o paradoxo que marca sua trajetória: enquanto a psicanálise se firmava como um horizonte clínico fundamental até os anos 1980, ela também começava a ceder espaço dentro da psiquiatria, especialmente nos Estados Unidos, para práticas que objetivavam uma maior padronização diagnóstica e intervenções farmacológicas rápidas. Ele observa:

O segundo fenômeno que ocorrerá no campo da clínica até o início dos anos 1980 será a prevalência da psicanálise como horizonte fundamental de referência clínica, inclusive para a psiquiatria. No início dos anos 1960, mais da metade dos chefes de departamento de psiquiatria das universidades norte-americanas eram membros de sociedades psicanalíticas. (Safatle, 2021, p. 35)

Essa citação aponta para um momento de ouro da psicanálise, quando ela não apenas influenciava diretamente a formação e a prática psiquiátrica, mas também oferecia um arcabouço teórico robusto para compreender as nuances do sofrimento psíquico. Contudo, a emergência de paradigmas mais alinhados à racionalidade neoliberal, como as abordagens baseadas na objetividade e na quantificação

dos fenômenos mentais, resultou em uma mudança drástica na forma como o sofrimento era descrito, diagnosticado e tratado.

O declínio da psicanálise nos Estados Unidos pode ser entendido como parte de um movimento mais amplo de reconfiguração do campo da saúde mental, em que a prioridade passou a ser a otimização do tempo e a padronização das práticas clínicas. A psiquiatria, ao alinhar-se a essa lógica, começou a adotar modelos biomédicos e farmacológicos que prometiam intervenções rápidas e replicáveis, relegando a psicanálise, com sua ênfase na singularidade do sujeito e na exploração de dinâmicas inconscientes, a um lugar marginal.

Safatle aprofunda sua análise ao descrever como essa transição culminou em uma reestruturação completa da linguagem e das categorias diagnósticas no campo da saúde mental. Ele afirma:

O resultado foi um processo de reconfiguração completa da forma de descrever o sofrimento psíquico, cujos principais fatores são: o desaparecimento das neuroses como quadro compreensivo principal para a determinação do sofrimento psíquico; a individualização das depressões (que escapa da estrutura mania-depressão) e sua ascensão como quadro principal de descrição de sofrimento psíquico; a ascensão das patologias narcísicas e borderlines; a elevação da esquizofrenia a condição de ‘psicose unitária’, categoria geral de organização do campo das antigas psicoses. (Safatle, 2021, p. 36)

Essa reorganização das categorias diagnósticas reflete não apenas mudanças teóricas, mas também profundas alterações nos valores e objetivos que orientavam o cuidado em saúde mental. A substituição das neuroses por quadros como depressão, patologias narcísicas e transtornos borderline ilustra uma mudança de foco: o que antes era compreendido como resultado de conflitos internos e dinâmicas relacionais passou a ser abordado como questões individuais, desvinculadas de contextos sociais e históricos.

A ascensão das depressões como principal descrição do sofrimento psíquico também simboliza uma transformação na forma como o mal-estar subjetivo é narrado. Ao invés de se buscar compreender o sofrimento como expressão de uma tensão entre desejos inconscientes e exigências sociais, ele é medicalizado e tratado como um déficit biológico ou funcional. Esse deslocamento epistemológico e clínico, promovido pelo discurso biomédico, reforça a lógica neoliberal de responsabilização individual, apagando as dimensões estruturais e relacionais que contribuem para o adoecimento psíquico.

Ademais, a elevação da esquizofrenia à condição de “psicose unitária” representa uma tentativa de unificar o campo das antigas psicoses sob uma categoria generalista, que facilita o manejo técnico e farmacológico, mas desconsidera as singularidades de cada caso. Esse movimento exemplifica como a busca por eficiência e padronização, características do neoliberalismo, resulta na redução da subjetividade a um conjunto de sintomas categorizáveis e tratáveis por meio de intervenções rápidas.

Assim, o declínio da psicanálise nos Estados Unidos não deve ser entendido apenas como uma questão de preferência acadêmica ou científica, mas como um reflexo de mudanças profundas nos valores que orientam o cuidado em saúde mental. Essas transformações, impulsionadas pela racionalidade neoliberal, privilegiam abordagens que se alinham às demandas do mercado, marginalizando práticas que desafiam essa lógica e insistem na importância da subjetividade, da complexidade e da relação terapêutica.

3. Desdobramentos do neoliberalismo no pensamento científico brasileiro: contestação da legitimidade científica da psicanálise

A desqualificação da psicanálise como pseudociência configura-se como uma manobra retórica característica dos discursos neoliberais, que não apenas relegam práticas desvinculadas de seus paradigmas de produtividade ao campo do irracional, mas também as tratam como inherentemente ineficazes. Trata-se de um movimento de combate que transcende a simples discordância epistemológica, tornando-se uma verdadeira ofensiva ideológica contra saberes que desestabilizam os alicerces da racionalidade instrumental e economicista.

Essa tendência, embora presente desde os primórdios da psicologia objetiva, alcança seu apogeu no cenário contemporâneo brasileiro, em parte catalisada pelo lançamento do livro de Orsi e Pasternak (2023). Nesse texto, os autores não apenas categorizam a psicanálise como pseudociência, mas a equiparam a práticas como homeopatia, curas energéticas, acupuntura, astrologia e até mesmo crenças em discos voadores. Tal comparação, repleta de alusões depreciativas, provocou uma resposta robusta de Dunker, que expõe os limites dessa crítica em seu próprio trabalho.

Em sua análise, Dunker, na obra *Ciência pouca é bobagem: Por que psicanálise não é pseudociência* (2023) não apenas responde às acusações, mas desvela a estratégia retórica por trás delas:

No panfleto, o casal Carlos Orsi e Natalia Pasternak fala em nome da ciência e da razão, a fim de combater os 'perigos' das 'pseudociências' e de 'outras bobagens'. Da homeopatia às curas energéticas, da acupuntura à astrologia, da psicanálise à crença em discos voadores. O livro não se priva de acusar seus oponentes de falsários, impostores e assim por diante. Desliza assim da avaliação epistemológica da validade ou eficácia de uma prática para a acusação moral de seus proponentes, ou para a desqualificação intelectual de seus usuários. O truque é manjado por quem conhece retórica: na falta de argumentos sólidos, desqualifique moralmente o oponente. (Dunker, 2023, p. 34)

Dunker destaca, assim, que o ataque à psicanálise vai além de uma simples avaliação crítica de sua eficácia ou validade científica, operando, na verdade, por meio de uma desqualificação moral de seus defensores e pela estigmatização intelectual de seus praticantes e usuários. Essa retórica, de clara inspiração neoliberal, sustenta-se em uma lógica binária que exalta o "racional" e o "empírico" como virtudes supremas, ao mesmo tempo que desdenha abordagens que se aprofundam na complexidade subjetiva e desafiam os ditames da produtividade mensurável.

Mais do que uma questão de posicionamento epistemológico, a crítica à psicanálise reflete uma agenda política e ideológica que visa minar saberes que resistem à instrumentalização mercadológica. Ao desacreditá-la como uma prática legítima, os defensores do discurso hegemônico neoliberal promovem a supremacia da psicologia objetiva, que se alinha perfeitamente aos interesses de controle, categorização e regulação da vida humana. Nesse contexto, práticas psicológicas que valorizam a introspecção e a reflexão são vistas não apenas como obsoletas, mas como ameaças ao modelo de sujeito que o neoliberalismo almeja consolidar: um indivíduo funcional, eficiente e autogerido, cuja subjetividade se traduz em resultados previsíveis e quantificáveis.

Esse deslocamento do foco para práticas "cientificamente validadas" não é desprovido de implicações políticas. Ao relegar a psicanálise ao domínio das pseudociências, abre-se espaço para a adoção de técnicas psicológicas que, por sua própria natureza, reforçam a lógica do mercado. O saber psicanalítico, ao contrário, desafia a normalização neoliberal ao problematizar as dimensões inconscientes e as contradições internas que escapam à racionalidade técnica. É precisamente essa resistência ao utilitarismo imediato que torna a psicanálise um alvo recorrente de deslegitimação, em especial em um contexto cultural que privilegia soluções rápidas e práticas.

Por fim, o ataque à psicanálise não deve ser lido isoladamente, mas como parte de um projeto mais amplo de construção de subjetividades moldadas pelo neoliberalismo. A acusação de pseudociência, longe de ser neutra ou desinteressada, é um instrumento estratégico que visa neutralizar resistências e reforçar uma visão de mundo em que todas as práticas e saberes são avaliados exclusivamente por sua capacidade de servir aos imperativos do mercado. Ao promover essa narrativa, o neoliberalismo não apenas impõe sua hegemonia epistemológica, mas também reconfigura os próprios alicerces da subjetividade, transformando-a em mais um território de controle e gestão.

4. Conclusão

As transformações apresentadas ao longo deste ensaio evidenciam como o neoliberalismo não atua apenas nas esferas econômicas e políticas, mas também nas formas pelas quais compreendemos e manejamos o sofrimento psíquico. A ascensão da psicologia objetiva e da neuropsicologia moderna, alinhadas a valores como eficiência, produtividade e adaptabilidade, responde a uma lógica de gestão da subjetividade que privilegia o controle, a normatização e a funcionalidade dos indivíduos.

Nesse cenário, práticas clínicas baseadas na escuta, na singularidade do sujeito e na complexidade do sofrimento — como é o caso da psicanálise — passam a ser deslegitimadas ou tratadas como obsoletas, não por ausência de validade teórica, mas por confrontarem a racionalidade técnica e instrumental do discurso hegemônico. O ataque à psicanálise, portanto, não é apenas

epistemológico, mas político: trata-se de silenciar modos de pensar que resistem à mercantilização da vida psíquica.

Como discutido por Dunker, Safatle e Silva Júnior, a patologização padronizada, a medicalização em larga escala e o abandono da escuta clínica profunda refletem um projeto mais amplo de subjetivação neoliberal. Um projeto que transforma o sofrimento em falha individual e a saúde mental em um imperativo de desempenho.

Retomar a importância da psicanálise e de outras abordagens críticas não significa recusar os avanços das neurociências, mas sim questionar o uso que se faz deles. Significa reabrir espaço para a complexidade do sujeito, para o conflito, para aquilo que escapa às métricas e aos protocolos. Em tempos de gestão do sofrimento, resistir é também insistir naquilo que não se deixa governar com facilidade: o desejo, a singularidade e a experiência humana em sua densidade.

Referências

DUNKER, Christian; IANNINI, Gilson. **Ciência pouca é bobagem: Por que psicanálise não é pseudociência.** 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

ENGELHARDT, E. Z.; ROZENTHAL, M.; LAKS, J. Neuropsicologia II - história. **Revista Brasileira de Neurologia**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979).** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1981.

PASTERNAK, N.; ORSI, C. **Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério.** Contexto, 2023.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.